



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: **Talhaba** — Lisboa • Telefone 5339
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

ABATALLA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A FALTA DE ÁGUA

Descobrem-se as verdades...

O sr. Alberto Tota terminou ontem as suas considerações sobre este assunto

A U. S. O. prosseguirá na sua benéfica campanha

Ontem, pelas 22 horas, o sr. Alberto Tota continuou a sua conferência acerca da escandalosa situação do abastecimento de água à cidade de Lisboa.

Após breves palavras do nosso camarada Eduardo Jorge, que presidia, o sr. Alberto Tota prosseguiu nas suas considerações.

Diz que devem os ouvintes estar lembrados de que, ele, orador, declarou que não vinha falar em nome da Câmara Municipal, mas sim individualmente. No entanto a Câmara torpedeou-o pondo-se ao lado do sr. Carlos Pereira, ao lado da Companhia, contra a consciência colectiva do povo.

No momento em que o povo começa a saber o que quer e para onde vai, os republicanos tem enganado o povo, e pretendem manter pela força das baionetas uma oligarquia pior do que a monárquica.

E' triste que a Câmara, que representa o povo de Lisboa, se ponha ao lado duma Companhia que tem falsado a letra dos contratos e envenenado a população.

Não precisa da solidariedade daquela corja.

A situação da Companhia das Águas em 1915 e a situação em 1920

Em 1915 a Companhia das Águas de Lisboa distribuiu um dividendo de 5 1/2 %.

Para isso estabelecia nos seus relatórios 253 contos para distribuir em compensação ao capital accções.

Perante o governo, o país e o povo de Lisboa, em 17 de julho de 1915, obrigava-se a Companhia a trazer as águas da Hota, a acelerar os condutos da água do Alviela, a modificar todas as canalizações, a inundar Lisboa de água.

Em 1915, todas estas obras, para as quais hoje pede 10.500 contos, propunha-se fazer-las se o governo lhe pagasse mil e tantos contos que lhe devia.

Em 1920 a Companhia diz nos seus relatórios que está mal de finanças, que não pode dar mais de 2 %, aos accionistas.

A Companhia das Águas, que guarda em carteira perto de 500 contos, declara-se pobre, distribuindo apenas um dividendo de 2 0/0

Mas a situação não é assim. A Companhia tem em carteira cerca de 200 contos de ações variadas. Possui em bilhetes de tesouro 300 contos, aproximadamente.

E diz a Companhia que está pobre. Pergunta porque não deu, tendo tantos valores em carteira, maior dividendo, pelo menos igual ao de 1920. Então a Companhia fez-se para colecionar papéis de crédito ou para fornecer água à população?

Em 1920 convenci-lhe dizer que só pôde dar 2 0/0 aos accionistas, immobilizando cerca de 500 contos, que ela tinha obrigação de pôr em circulação. Não tem dinheiro — e capitaliza criminosamente uma importância que podia elevar o dividendo a 5 1/2 0/0, a mais tal vez.

A Companhia está financeiramente em circunstâncias iguais, parecidas as de 1915 — data em que ela se propunha fazer as obras para as quais exige agora 10.500 contos.

O prédio onde estão instalados os escritórios, na Avenida, figura nos relatórios com o valor de há 10 ou 20 anos, que é de 108 contos.

O sr. Carlos Pereira e o delegado do governo junto da Companhia não compareceram

A Câmara tem estado a fazer o geitinho da Companhia e esta ainda diz mal da Câmara.

E' bom que se prossiga na propaganda deste caso, que a U. S. O. muito bem fez em levantar.

Hoje vê-se que é necessário juntar os seus esforços à U. S. O. para conseguir que a população tenha água, luz, casas baratas e tudo!

Tem imensa pena de não ver o sr. Carlos Pereira e o delegado do governo para lhe dizerem que ele, orador, errou.

Pelo facto de haver uma Câmara falida moral e materialmente, uma Câmara que é a estalagem dos Camilhos, vale arrancar a pele ao povo de Lisboa?

As bases leoninas do contrato, se este for aprovado em Câmaras, levarão couro e cabelo

Lê algumas bases do contrato.

A base 3.ª refere-se ao empréstimo de 10.000 contos que a Caixa Geral dos Depósitos terá de fazer à Companhia, ao juro de 7 %, que dá 700 contos; com a respectiva comissão chegará aos 1000 contos, que saíra do preço da água. E isto é muito por baixo, cortando pela raiz, porque eles são de muito alimento.

Também, segundo outra base do contrato, a Câmara amortizará a sua dívida, pagando 108 contos por ano, que saíra da algarbieta do povo. Somam

Um parlamentar anti-parlamentar

Tudo o que de útil e de bom se pode conseguir é longe do parlamento — diz o deputado dr. sr. Cunha Araújo

O deputado dr. sr. Cunha Araújo, eleito por Santo Tirso, transmitiu a um jornalista as suas impressões do parlamento.

— Olhe, meu amigo — disse aquele deputado a um redactor do *Século da noite*. — Eu sabia, ou calculava o que isto era. Em todo o caso, deixe-me dizer-lhe sem rodeios: esperava mais. Queria outro aspecto, outro respeito, outra atenção. Não me parece um parlamento — dá-me a ilusão duma grande e animada sala de club moderno, onde se fuma, onde se cavaqueira, onde se pode tratar de tudo — menos daquilo que se deveria tratar!

— Os deputados veem para aqui com fatos de praia. O governo apresenta-se... bicha. Parece que vai buscar bilhetes de *fauteuils* para uma sessão... de animatógrafo. Depois os *leaders* falam como bonecos de ventríloquos, quasi mecânicamente. Ainda assim, cuidava outra coisa.

— De todos, o único que se salvou, pela sua apresentação, pela simulação do seu discurso — que talvez belicasse a consciência de muitos deputados — foi o dr. António Luís Gomes.

— Mas, atalhamos, não será ainda cedo para se poder falar duma maneira geral...

— Sim. Talvez. Talvez tenha razão. Surprezas houve-as sempre, é claro. No entanto lembre-se que falaram hoje os *leaders*, os representantes, os vultos que devem ser primicias, de todos os partidos.

— Tem uma descrença, então pela obra deste parlamento?

O dr. Cunha Araújo vincando mais o seu sorriso de ironia, a responder-nos, preferiu falar das suas intenções.

— Como político o que quasi exclusivamente me interessa é a defesa da minha região. Ainda há dias longe desta casa de caracol — não se ria, é a impressão que me dá esta sala dos deputados, explicou, — ainda há dias, em Vila do Conde, alguém, bem avisado, me garantiu a inutilidade do meu esforço parlamentar.

— Não acreditei. Não o acredito ainda. E' certo que de útil, de bom, tudo o que se pode conseguir é longe do parlamento.

— Aqui, neste cenáculo de farmácia a pedir gamão com apostas e discursos, só há lugar para as palavras ócas e para os gritos furibundos mais nada.

Oferecemos esta opinião insuspeita aos antiparlamentaristas que querem ir ao parlamento para destruir o parlamento.

Instituto de Medicina Legal

O ministro da Justiça visita as suas dependências

Acompanhado pelo director geral do Ministério da Justiça, dr. Germano Martins, o titular da pasta da Justiça fez, ontem, pelas 13 horas, a sua anunciada visita ao Instituto de Medicina Legal.

A sala de entrada, que é acanhadíssima, estava repleta de indivíduos que esperavam o momento de serem examinados, e com custo conseguiram os visitantes e quem os acompanhava passarem para a sala dos exames directos, onde o chefe de serviço, dr. sr. Asdrubal de Aguiar, esteve mostrando vários relatórios de exames directos e de autópsias, que o ministro observou com minuciosidade.

O ministro visitou depois as outras dependências e, depois de ter descansado alguns momentos, visitou as obras do edificio, que se encontram paralisadas desde Março, por... falta de verba.

Os serviços periciais do Instituto de Medicina Legal são considerados como modelares, e como várias vezes tem sido afirmado, rivalizam com os seus congéneres do estrangeiro.

Mas... as suas instalações, acanhadas e anti-higiénicas, não correspondem ao importante papel que o estabelecimento em questão deve desempenhar.

E tudo por falta de verba, que só para estas coisas úteis, em geral, se faz sentir.

Diz-nos o nosso informador da Arca-de que o ministro da justiça fez esta visita no intuito de pessoalmente verificar da necessidade das obras e de vários thoramentos de que o Instituto necessita e, consequentemente, da dotação que deverá ser concedida pelo ministério do comércio.

Veremos se desta vez...

Os Bairros Sociais

vão ser entregues a uma empresa financeira?

Consta que as obras dos Bairros Sociais vão ser entregues a uma empresa financeira, a qual dizem não ser estranho o sr. Fausto de Figueiredo.

Se assim for, a tal firma fará um negócio esplêndido, porquanto o terreno, cujo custo primitivo era de 1320, está hoje valorizado em cerca de 100 escudos.

Sem assistência médica

Na morgue deu ontem entrada a menor filha de Oliveira, residente nas escadarias da Porta do Carro, 8, que ali faleceu sem assistência médica.

O Congresso do Professorado Primário

Iniciaram-se ontem, no Pôrto, os seus trabalhos, sendo feita uma manifestação de simpatia ao secretário geral da C. G. T.

PORTO, 2.-T.-O Congresso do Professorado Primário, presidido por Miguel Martins, decorreu um tanto agitado motivado pela questão do professor primário superior António Canhão Junior representar os professores primários de ensino geral.

A primeira sessão foi apenas tomada por discursos, nada se fazendo de prática, sendo resolvido que o projecto de estatutos fosse publicado no órgão dos professores e estudado para ser presente ao próximo Congresso.

Para a sessão da noite está marcada a discussão de emendas ao actual estatuto da União do Professorado, actualizando-o.

O delegado da C. G. T., camarada Manuel Joaquim de Sousa, secretário geral, foi recebido com uma prolongada salva de palmas.

Foi aprovado um voto de sentimento pela morte dos dois prestimosos elementos do professorado, os nossos camaradas Virgílio Santos e António Mananças. Veremos se na sessão da noite o trabalho é mais produtivo.—C.

U. S. O.

Conselho de Delegados

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Conselho de Delegados a este organismo, para se ocupar do assunto importantes pendentes da reunião anterior.

Trabalhadores: Lede e propaga a BATALHA

NA RÚSSIA

Redução do pessoal administrativo

VIENA, 26.—O jornal «Kommunistisches Trud» regosija-se pela lição sobre o salário colectivo, que ordena uma redução de metade do pessoal administrativo. Estes empregados serão colocados nas empresas particulares ou nas províncias, no ensino, por exemplo. Quanto à produção do trabalho do pessoal restante, ela aumentará consideravelmente.—*Rosta-Wien*.

DESORDEM E CRIME

O administrador do Seixal mata a tiro o presidente da Câmara do mesmo concelho

Ontem, cerca das 14 horas, no Cais do Sodré, em frente da estação da Particaria dos Vapores Lisboenses, deu-se uma scena de sangue de que foram principais protagonistas um comerciante do Seixal, que ali exerce as funções de presidente da Câmara, e um tenente de infantaria 11, administrador do respectivo concelho.

Passou-se o caso da seguinte forma: Fernando de Sousa, de 35 anos, proprietário e comerciante, natural de Alenquer e residente no Seixal, onde exerce as funções de presidente da Câmara, e o comerciante José Xavier dos Santos tomaram ontem o vapor que parte do Seixal às 6,40 para Lisboa, a fim de tratarem de vários assuntos e esperarem, no vapor que chega a Lisboa às 13,40, uma comissão de sócios da Cooperativa dos Corticeiros do Seixal.

Esta comissão devia dirigir-se ao commissariado dos abastecimentos, a fim de apresentar uma reclamação contra o facto do administrador do concelho, o tenente de infantaria n.º 11, Manuel José Viegas Latas, ter mandado retirar há dias daquela cooperativa as sacas de farinha que por ele lhe tinham sido distribuídas.

No mesmo vapor seguia também para Lisboa o referido administrador, o qual, ao chegar ao cais do Sodré, dirigiu-se imediatamente ao sr. Fernando de Sousa, com quem, depois de trocar várias explicações, se envolveu em desordem.

A contenda resultou ficar ferido com um tiro de pistola, disparado pelo tenente Latas, o presidente da câmara, que ao ser atingido caiu no solo jorrando abundante sangue da perna direita.

O agressor foi imediatamente detido e conduzido para o governo civil e ferido foi transportado ao hospital de S. José, no automóvel n.º 1412, acompanhado pelo polícia n.º 956 e por vários indivíduos do Seixal, entre eles o sr. Xavier dos Santos.

Chegado a este estabelecimento, foi o sr. Sousa conduzido para a sala de operações, onde se apressaram a compor os cirurgãos de serviço drs. José Paredes, Fernando Simões e Fernando Lacerda, verificando estes clinicos que o projectil tinha penetrado na parte superior da perna direita, e produzido ratura de um vaso importante.

Depois de operado recolheu em estado grave à sala de observações, tendo falecido obra das 22 horas.

Mais de uma vez houve, no Seixal, sérias discussões entre os protagonistas desta

sindicalista a maxima propaganda desta questão. A U. S. O. está tratando dos interesses da população em geral, é preciso que esta corresponda a este esforço. Em breve um higienista tratará do assunto sob o aspecto higiénico.

A sessão foi encerrada pelas 9 horas.

UM JULGAMENTO SENSACIONAL

Malatesta, Borghi e Quaglino no tribunal de Milão

Luta de classes e não ódio de classes

Às 10 horas da manhã do dia 27 de Julho começou no tribunal de Milão o julgamento de Henrique Malatesta, Armando Borghi e Quaglino.

Em volta do edificio havia um excepcional aparato policial: a entrada na sala só era concedida mediante permissão do presidente e todos os corredores estavam cheios de soldados.

O presidente, dirigindo-se a Malatesta, deu início à

Leitura do processo

«Malatesta, Henrique, sempre cheio de ardor, apesar dos seus 68 anos, começou, logo que chegou à Itália, uma série de conferências e comícios.

Andou por Ancona, Siena e Florença, espalhando por toda a parte os seus ideais revolucionários contra o actual regime político económico.

Fundou em Milão a «Umanità Nova», iniciando a sua publicação em fevereiro de 1920.

Chamou para seus colaboradores Borghi e Quaglino, sendo também transportado para Milão o jornal «La Guerre di Classe».

Durante 1920, em seguida à propagação dos 2 jornais, julgou-se que muitos dos delitos verificados em toda a Itália eram uma consequência da propaganda anarquista, e por isso, Malatesta, Borghi e Quaglino foram denunciados à autoridade judicial, como pretendendo subverter a ordem pública por meios punitivos pelas leis. A esta primeira denuncia se juntaram a da conspiração contra os poderes do Estado, de associação para delinquir e outras acusações.

Depois de ter mencionado minuciosamente as datas e lugares onde se realizaram as diversas sessões de propaganda, o presidente passou ao interrogatório dos accusados, dirigindo-se primeiro a Malatesta.

A defeza de Malatesta

Malatesta, com a sua voz firme e calma, procurou explicar perante o tribunal o significado e alcance da sua propaganda.

«Eu sou, disse ele, verdadeiramente revolucionário no sentido filosófico, histórico, popular e insurreccional da palavra, mas nunca incitei a uma revolta que poderia ser um desperdício de energias e de forças.

PRIMEIRO CONGRESSO DA INTERNACIONAL SINDICALISTA VERMELHA

As relações entre a Internacional Comunista e a Sindicalista Vermelha

Falando no Congresso sobre as relações mútuas entre a Internacional Comunista e a Internacional Sindicalista Vermelha, Rosmer disse:

«De acordo com as tradições da Primeira Internacional a Terceira Internacional, desde a sua constituição, procurou englobar na sua organização todos os partidos políticos, como os organismos operários. Esta tradição foi abandonada pela Segunda Internacional, porque os partidos oportunistas que a compunham apresentaram uma série de condições fechando de facto as portas da Internacional aos sindicatos.

É interessante notar que os elementos centristas da Terceira Internacional, principalmente Serrati e Levi, hoje excluídos, eram contra a admissão dos sindicatos.

As organizações sindicais manifestam ao principio o desejo de se separarem da Terceira Internacional, todavia a União Sindicalista Italiana e a C. G. T. declararam-se partidárias da adesão à Terceira Internacional, não vendo neste facto uma infracção ao seus pontos de vista sindicais.

Porisso esta questão tem importância não de baixo do ponto de vista de princípios, mas de baixo do ponto de vista prático, atendendo a que ela nos conduz à necessidade de tratar da questão de relações entre os partidos e os sindicatos de cada país. Dum lado, vemos em certos países uma prevenção dos militantes sindicais contra os partidos políticos, incluindo o partido comunista e doutro lado, a noção errônea sobre as opiniões dos comunistas russos, que diz respeito às relações entre os partidos e os sindicatos.

Os inimigos do comunismo lançaram a fórmula «sol d'ant» russa da subordinação dos sindicatos ao partido comunista.

A verdade é que os comunistas russos procuram conquistar para as suas ideias a maioria nos sindicatos, o que é direito imprescritível de cada tendência.

Passando à carta de Amiens, Rosmer indicou que Zinoviev pelo seu discurso provou não lhe ter compreendido o espírito. Dêse programa é sem ter aprendido o papel revolucionário e as conjunturas históricas em que foi proclamada a neutralidade dos sindicatos.

Na realidade, a neutralidade nunca existiu e os sindicalistas franceses nunca

se sentiram coagidos pelo texto de 1905.

Antes da guerra existia uma certa frieza entre os sindicalistas franceses e o partido socialista, e esse facto explica-se pela hostilidade dos sindicalistas à acção parlamentar e reformista desse partido. Depois da guerra houve uma aproximação entre os sindicalistas e os elementos revolucionários do partido socialista. Esperava-se mesmo poder ver organizar-se um partido comunista oposto ao antigo partido socialista, todavia, as coisas passaram-se doutro modo, e foi o antigo partido socialista que se tornou comunista.

Rosmer deteve-se sobre a declaração de Lorient, dizendo que os sindicalistas mostram agora menos benevolência do que antes com o partido comunista. Isto explica-se pelo facto de que o partido ainda não fez figura de comunista, o que fez esfriar as simpatias que por ele manifestaram os sindicalistas. Contudo, duma maneira geral, os sindicalistas franceses mostraram que eram capazes de aproveitar as lições da revolução russa. A prova está na sua moção do congresso de Orleans, declarando que não há senão uma Internacional revolucionária, a de Moscova.

A questão das relações entre a Internacional comunista e a Internacional sindicalista vermelha prende-se com a questão das formas da sua ligação. Ver no facto do estabelecimento destas relações um perigo para a independência do movimento sindicalista, equivale a ceder às sugestões de Amsterdam e da Segunda Internacional, desejosas de semearem a discórdia entre os sindicatos revolucionários e a Internacional comunista.

Julgar que a presença dum representante da Internacional comunista na Internacional sindicalista representa a subordinação desta última à primeira, seria duvidar da força e do poder da Internacional Sindicalista Vermelha.

Discussão do relatório de Rosmer

Siroille, em nome duma parte da delegação francesa, fez, a propósito do relatório de Rosmer, as seguintes declarações:

«O sindicalismo revolucionário, que anima o movimento operário na França, na Itália, na Espanha e em parte na

No Teatro de S. Bento

Os interesses dos vinhateiros especuladores do Douro

Na Câmara dos Deputados os delegados dos vinhateiros do Douro defendem com entusiasmo os seus interesses. Consideram eles a crise duriente como ruinosa para a riqueza nacional, pois está em risco de se perder o produto de 150 mil pipas de finíssimo vinho e pedem ao Estado que os livre de apuros fazendo-lhes um empréstimo de 15.000 contos. Ora a verdade, verdadinha é esta. A tal falada crise do Douro resume-se a isto: os vinhateiros afoferraram todo o vinho durante a guerra, vendendo-o só a preços muito altos a supondo que esta especulação prolongar-se ia por *secula seculorum*. Engano ledro e cego esse que o fim da guerra não deixou durar muito. E eis que o preço do vinho baixou e as adegaes estão repletas e a próxima colheita oferece-se abundante. Porém, então, os vinhateiros especuladores as mãos na cabeça e desatam a berrar: *Aquí d'El Governal* Como se o governo tivesse o dever de socorrer os negociantes encravados! Como se o governo tivesse que pagar-lhes os prejuizos dos seus maus negócios!

Ora cebo!

NO FUNCHAL

O povo reclama a livre importação de farinhas, num grande comício publico

FUNCHAL, 2.-T.-O povo da Madeira reuniu ontem em grande comício publico, indo depois pedir ao governador interino a sua intervenção junto do governo e do parlamento para a immediata solução da livre importação de farinhas neste distrito. Está encerrado o comércio e paralisada a indústria até completa satisfação da justa pretensão. Pedimos urgência na solução deste assunto.—Pela associação das classes operárias, vendedores de vivers e retalho, industriais de padaria, etc., João Silva.

Uma nova aventura de Zeligovski

VIENA, 26, Julho.—Noticiam de Kovno que o general Zeligovski prepara um novo golpe, dizendo-se que concentrou na região de Vilna um exército de 250.000 homens bem equipados e com abundantes munições.—*Rosta Wien*.

Perido a tiro involuntariamente

Depois de radiografado, recolheu à sala de observações do banco do hospital de S. José, onde lá se operou, João Esteves, de 29 anos, viúvo, natural de Pena Férme, concelho de Alenquer, ferante e residente em Escacem de Cima, rua dos Serraleiros, que na feira de Setúbal, numa baraca de tiro ao alvo, de que é proprietário, foi atingido por um tiro disparado involuntariamente por um indivíduo residente naquela cidade e que ali se encontrava a divertir-se.

